

As contribuições do estudo das corporalidades indígenas para estudantes de escolas não indígenas

Contributions to the study of indigenous corporealities for students of non-indigenous schools

Fabrcio Gurkewicz Ferreira

Lediane Fani Felzke

Instituto Federal de Rondônia – IFRO

Ji-Paraná -Rondônia - Brasil

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar as contribuições que o estudo das corporalidades indígenas proporcionam acerca do conhecimento do corpo e das relações sociais junto às escolas não indígenas. A pesquisa é de natureza qualitativa, sendo que a coleta de dados foi feita por meio da aplicação de questionários com questões abertas. Como resultados, verificamos que os conhecimentos sobre as corporalidades indígenas possibilitaram aos estudantes modificarem a sua visão a respeito dos povos indígenas, em relação a sua organização sociocultural e, também, reconhecerem como estão expostos a discriminação. O desenvolvimento dessa pesquisa nos mostrou a importância da interação intercultural, a fim de se estabelecer relações críticas e construtivas com sujeitos de culturas diferentes, o que, em uma sociedade tão diversa como a nossa, é fundamental.

Palavras-chave: Cultura. Corpo. Corporalidades Indígenas.

Abstract

This paper aims to analyze the contributions that the study of indigenous corporealities provide about knowledge of the body and social relations with non-indigenous schools. The research is of a qualitative nature, and the data collection was done through the application of questionnaires with open questions. As a result, we found that knowledge about indigenous corporealities enable students to modify their view of indigenous peoples, in relation to their socio-cultural organization and, also, recognizing how they are exposed to discrimination. The development of this research showed us the importance of intercultural interaction, in order to establishing critical and constructive relationships with the subjects from diferente cultures, which, in a Society as diverse as ours, is fundamental..

Keywords: Culture. Body. Indigenous Corporealities.

As contribuições do estudo das corporalidades indígenas para estudantes de escolas não indígenas

Introdução

Este artigo apresenta resultados obtidos por meio de uma pesquisa de mestrado, que teve por objetivo analisar o entendimento que os povos ameríndios possuem a respeito do corpo e que contribuições o seu estudo poderia proporcionar a estudantes de uma instituição de ensino não indígena. As bases teóricas para o seu desenvolvimento estão fundamentadas em estudos relacionados às corporalidades indígenas¹ e a educação intercultural.

O corpo detém um papel crucial dentro da organização sociocultural dos povos ameríndios. Nas intervenções realizadas no, pelo e sobre o corpo, estão vinculados conhecimentos construídos historicamente e que estruturam toda a cultura e os modos de viver e agir desses povos. Se desejarmos compreender a dinâmica das sociedades ameríndias, é imprescindível conhecer as suas corporalidades (VIVEIROS DE CASTRO; SEEGER; DA MATA, 1979).

O contato intercultural em uma sociedade com tanta diversidade como a nossa é algo corriqueiro, mas que, infelizmente, em muitos casos ocorre por meio da discriminação, do desrespeito e, até, da violência. Torna-se fundamental, então, que ocorra intervenções no processo formativo das crianças e dos adolescentes, no sentido de que eles consigam desenvolver as suas relações de modo que as suas singularidades sejam potencializadas, mas sustentadas por princípios de respeito e alteridade.

O contato com outras culturas pode, inclusive, ser um momento propício ao aprendizado de novos conhecimentos. Fleuri (2017) destaca que as contribuições educacionais provenientes do diálogo intercultural com os povos indígenas brasileiros podem ser significativas, posto que, dentro de sua rica complexidade e diversidade, essas sociedades, desenvolvem um viés educacional com ênfase na autonomia e na participação comunitária.

Assim, reconhecendo o potencial educativo proveniente do contato com os conhecimentos indígenas, em especial as suas corporalidades, bem como a participação indispensável da educação intercultural nesse processo, analisaremos as possíveis contribuições do estudo desse tema a partir da perspectiva dos estudantes. Para tanto, iniciaremos situando conceitualmente a concepção que os povos ameríndios possuem a respeito do corpo e sobre a educação intercultural. Em seguida, apresentaremos o percurso

metodológico. Por fim, analisaremos as respostas dos estudantes que participaram da pesquisa, confrontando-as com a literatura científica, e apresentamos algumas considerações finais a respeito do trabalho desenvolvido.

Corpo, sociedades indígenas e as suas corporalidades

O corpo pode ser compreendido como o local em que os valores e os símbolos de uma determinada cultura são insculpidos. Seguindo nessa direção, ele também pode ser considerado, como o resultado da produção simbólica ou dos desejos e concepções de um grupo social oriundos na e pela cultura (MALUF, 2002).

Para Grandó (2004), o corpo se caracteriza por ser o primeiro elemento sobre o qual o homem atua e transforma, sendo controlado a partir do momento em que nasce e se segue até o momento de sua morte. As intervenções realizadas sobre ele visam a sua adequação aos condicionamentos exteriores (biológicos e culturais), que em um movimento dinâmico possibilita a transformação do próprio corpo e da pessoa.

Se concebermos que o homem só existe a partir da natureza e da cultura, qualquer prática que vise a ação com, sobre e por meio do corpo deverá estar alicerçada sobre uma concepção que considere a interação desses dois aspectos. Nesse sentido, também deverá ser levado em conta, que esta interação pode variar de acordo com a sociedade e o período histórico em que ocorrer.

Com o seu corpo, o homem assimila a cultura na qual está inserido. Esse processo de apropriação de normas, valores e costumes sociais, pode ser denominado “incorporação”, que constitui uma expressão significativa e que demonstra a importância do corpo nesse contexto. Costumeiramente, refere-se que ao incorporar, o indivíduo está adquirindo uma nova palavra ao seu vocabulário ou um novo conhecimento ao seu repertório intelectual. Mas, além disso, ele está inserindo no seu corpo, no conjunto de suas expressões, um conteúdo corporal (DAOLIO, 2013).

Apesar de seus elementos perceptíveis e concretos, o corpo não é uma realidade em si, mas a representação simbólica de um contexto sociocultural em um determinado momento histórico. Esse aspecto faz com que seja fundamental a sua observação a partir do ambiente em que está imerso, pois a sua construção não é algo único, mas que se altera de acordo com o tipo de sociedade a qual está vinculado.

As contribuições do estudo das corporalidades indígenas para estudantes de escolas não indígenas

Nas sociedades ocidentais, por exemplo, em que o individualismo predomina, o corpo é entendido como um componente a parte do homem. O corpo atua como um instrumento que delimita uma fronteira diante da presença do outro. Sob essa perspectiva, cada pessoa detém uma relativa autonomia para definir os seus valores, estabelecer as suas prioridades e tomar as suas iniciativas (LE BRETON, 2011).

Já nas sociedades tradicionais, que são conduzidas por uma ótica holística, o corpo não é dissociado da pessoa, ou seja, não ocorre uma cisão entre estas duas partes. O indivíduo está conectado a comunidade, a natureza e ao cosmos. A representação social que se tem do corpo, é a mesma da pessoa (LE BRETON, 2011).

Dentre os povos vinculados às comunidades tradicionais e que possuem conhecimentos fecundos a respeito do corpo e, conseqüentemente, de sua corporalidade, temos as sociedades ameríndias. A partir do estudo fundante de Viveiros de Castro, Seeger e Da Mata (1979), que trata da noção de corpo como elemento central na organização social desses povos, as pesquisas sobre as suas corporalidades aumentaram consideravelmente.

Segundo estes antropólogos, o corpo, na maioria das sociedades ameríndias, não se resume a permitir a identificação de um indivíduo ou o papel social que ele irá exercer, mas constitui um eixo por meio do qual se estruturam os símbolos e os valores sociais. Desse modo, a "fabricação, decoração, transformação e destruição dos corpos são temas em torno dos quais giram mitologias, a vida cerimonial e a organização social" (VIVEIROS DE CASTRO, SEEGER E DA MATA, 1979, p.7).

Grando (2004) afirma que nesses povos, o corpo é um espaço simbólico em que os mais velhos, portadores de respeito e autoridade dentro do seu contexto sociocultural, intervêm com o objetivo de moldá-lo e educá-lo de acordo com as características do grupo, para que seja reconhecido dentro da sua etnia, assim como com seu grupo específico, seja de sexo, clã, idade, entre outros.

O conjunto de ações efetuadas pelos agrupamentos indígenas sobre os indivíduos e os seus corpos têm por objetivo adequá-los às características do grupo, ou seja, fazê-los assimilarem as suas técnicas corporais. Este termo foi cunhado pelo sociólogo francês Marcel Mauss (1974) para se referir a forma pela qual os homens, em cada sociedade, sabem se servir de seus corpos. A partir de suas observações, Mauss constatou que cada técnica

apresenta a sua própria forma e que o seu processo de aprendizado ocorre de modo lento. Além disso, o formato da técnica possui características específicas em cada sociedade.

A maneira que cada sociedade indígena irá produzir os seus corpos receberá contornos próprios em razão de serem distintos o processo de formação da identidade coletiva ao longo da história de cada etnia. Contudo, de um modo geral, o contato com os gestos, atitudes e expressões corporais dos indivíduos vinculados a um determinado grupo, permitirão que tenhamos acesso ao seu modo de organização social, uma vez que as técnicas corporais representam as tradições de um povo.

Com base nas informações apresentadas sobre a representatividade da corporalidade nas sociedades ameríndias, ratificamos a sua relevância para a compreensão de toda a organização social, mitológica e cultural desses povos. Desse modo, a presença desses conhecimentos no ambiente escolar se torna relevante, na medida em que se procura a realização de um processo formativo que possibilite ao estudante respeitar, reconhecer e valorizar outras culturas. Para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma adequada, deverá estar ancorado nos pressupostos de uma educação intercultural, que será abordada no tópico a seguir.

A educação intercultural como um caminho para o estudo das corporalidades indígenas

Estamos em um momento histórico, no qual as possibilidades de um contato imediato com o outro é cada vez maior, viabilizado pelo avanço tecnológico e materializado, sobretudo, nos meios de comunicação e de locomoção. A partir disso, constatamos que ações individuais locais geram efeitos globais e que transformações socioambientais repercutem diretamente nas circunstâncias da vida de cada pessoa (FLEURI, 2012).

Essa interação entre pessoas e grupos não ocorre de uma forma linear e harmônica. Na verdade, quanto mais acentuadas forem as diferenças entre eles, maior a possibilidade de tensões e, conseqüentemente, o surgimento de conflitos. As relações, então, constituem-se em estruturas complexas, que apresentam um nível de complexidade crescente à medida em que a sociedade se torna mais diversificada.

Nesse sentido, a diversidade étnica presente na sociedade brasileira e o desafio que envolve a interação entre os diferentes grupos convida-nos a refletir a respeito das ações empreendidas no ambiente educacional. O que fazemos em nossa prática pedagógica

As contribuições do estudo das corporalidades indígenas para estudantes de escolas não indígenas

acarretará em uma menor ou maior aceitação e valorização das diferentes culturas. Nesse sentido, é imprescindível que analisemos a forma como estamos tratando a diversidade, para que organizemos ações pedagógicas mais efetivas.

Se almejamos uma educação amparada por princípios democráticos, a sua materialização passa por processos educativos que contemplem a todas as pessoas. E isso implica no atendimento a pessoas com diversas identidades e não a um grupo homogêneo. Desse modo, a construção de espaços educativos de interação e integração entre sujeitos diferentes é fundamental (VIEIRA, 2002). Dentre as propostas no ambiente educacional que caminham nessa direção, temos a interculturalidade.

A proposta intercultural reconhece e valoriza as identidades culturais, ao tempo que considera o conflito como uma oportunidade educativa. Assim sendo, promove o desenvolvimento de situações de interação entre os diferentes grupos, a fim de alcançar um crescimento cultural e enriquecimento mútuo. A sua concretização está condicionada à utilização de novas estratégias para o estabelecimento da relação entre sujeitos diferentes (FLEURI, 2001).

Oliveira e Daolio (2011) salientam que a educação intercultural nos indica que o simples reconhecimento de diversas culturas, não é suficiente. Faz-se necessário a oferta de condições para que elas possam dialogar de forma igualitária. Nesse sentido, compete à escola o papel de possibilitar espaços nos quais o diálogo, a comunicação e a troca de conhecimentos, de valores e de atitudes entre diferentes culturas possam acontecer.

O desenvolvimento de um projeto calcado nos princípios interculturais efetiva-se, de fato, quando há contextos educativos que oportunizam a sujeitos com características socioculturais diferentes possibilidades de interagirem de forma crítica, criativa, afetiva e cooperativa com os seus pares. No entanto, o fato de uma proposta educativa ser taxada de intercultural, não assegura que as suas ações contemplarão a dimensão crítica.

Walsh (2009) elenca duas perspectivas da interculturalidade, uma funcional e outra crítica. Para a autora, a interculturalidade funcional atua no reconhecimento da diversidade cultural e sua inserção dentro da dinâmica social e dos Estados nacionais, mas não se preocupa com os dispositivos e padrões de poder que são responsáveis pela manutenção da desigualdade. Já a interculturalidade crítica, questiona a concepção de poder, de

racialização e de diferença, em sua dimensão colonial e não cultural, que foi construída a partir disso.

Considerar a interculturalidade crítica, então, como uma iniciativa voltada para o surgimento de novas perspectivas em relação ao poder, ao saber, ao ser e ao viver; significa superar os limites dos projetos que se apresentam atualmente. É propor ações que não se satisfaçam em apenas promover a relação entre diferentes grupos culturais, inseri-los nas estruturas sociais vigentes (educativas, disciplinares ou de pensamento), ou, ainda, a criação de programas especiais na educação; mas que contribuem para a permanência de comportamentos racializados e excludentes.

É assinalar a necessidade de visibilizar, enfrentar e transformar as estruturas e instituições que diferencialmente posicionam grupos, práticas e pensamentos dentro de uma ordem e lógica que, ao mesmo tempo e ainda, é racial, moderno-ocidental e colonial. (WALSH, 2009, p.24).

Candau (2016) destaca que a preocupação em se discutir as questões relacionadas às diferenças culturais, tanto na sociedade quanto nos ambientes educacionais, vem aumentando. Contudo, se tivermos como referência a interculturalidade crítica e a superação do trato superficial e estereotipado, como geralmente ocorre com as relações étnico-raciais, que são abordadas de forma pontual em datas comemorativas, os desafios ainda são muitos.

Nesse sentido, Candau e Russo (2010) afirmam que as dificuldades enfrentadas pelos conhecimentos indígenas de serem inseridos na educação escolar no Brasil estão relacionadas com o processo histórico de construção identitária do país, em que os grupos que não se reconheciam dentro da cultura europeia foram excluídos e invisibilizados.

No contexto educacional, a Educação Física, pode colaborar diretamente na promoção do diálogo intercultural entre os povos indígenas e os não indígenas. Essa disciplina é responsável pelo trabalho com as práticas corporais, que expressam os caracteres de uma determinada cultura, identificados em diversas sistematizações de movimentos corporais, tais como a dança, a luta, a ginástica, dentre outros. Essas práticas corporais apontam para uma educação específica do corpo e que está atrelada a concepção de pessoa presente em uma determinada sociedade.

As práticas pedagógicas de Educação Física voltadas para o trato com a temática indígena podem ser potencializadas, se forem articuladas aos princípios da

As contribuições do estudo das corporalidades indígenas para estudantes de escolas não indígenas

interculturalidade, já que a produção do conhecimento durante as aulas ocorre de forma coletiva a partir do aprendizado com o diferente. Essa relação será estabelecida por meio de um diálogo democrático, em que são respeitadas e valorizadas as peculiaridades de cada uma das partes, sendo que cada uma delas colabora de forma equânime na produção do conhecimento (OLIVEIRA; DAOLIO, 2011).

A educação intercultural em seu viés crítico, a partir da análise empreendida, configura-se, em nosso entendimento, como a proposta mais apropriada para materializar os conhecimentos referentes aos povos indígenas em um ambiente escolar não indígena. Pelo fato de o corpo ter um papel central na organização social desses povos e ser o objeto de estudo da Educação Física, consideramos que essa disciplina pode atuar significativamente nesse processo.

Percurso metodológico

Essa pesquisa é de natureza qualitativa, visto que, fazendo o uso de dados quantitativos ou não, a sua finalidade é compreender o fenômeno investigado a partir dos significados atribuídos pelos sujeitos que dele participam. Além disso, esse tipo de pesquisa não possui uma forma única, visto que considera a realidade tecida em tramas fluentes e complexas e que a investigação está condicionada às concepções, valores e objetivos, dos quais o pesquisador é portador (CHIZZOTTI, 2008).

Para Triviños (1987), conceituar a pesquisa qualitativa é uma tarefa complicada em razão da abrangência do termo e da especificidade da sua atuação. Contudo, o autor aponta duas características gerais importantes, que podem servir de diretrizes na realização de estudos dessa natureza e que dizem respeito a flexibilidade no desenvolvimento das etapas e a ampla liberdade teórico-metodológica para a sua realização.

Os dados apresentados nesse artigo se referem a resultados obtidos por meio de uma investigação de mestrado que teve por objetivo analisar as contribuições que os conhecimentos sobre as corporalidades indígenas apresentam aos estudantes em um contexto escolar não indígena. A amostra é composta por trinta e cinco estudantes, de ambos os sexos, de uma turma de terceiro ano do curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Rondônia (IFRO), *campus* Ji-Paraná. O desenvolvimento da pesquisa envolveu a realização de quatro etapas, descritas a seguir.

Na primeira etapa, foi aplicado o questionário inicial. A sua aplicação ocorreu entre os meses de março e abril de 2019 e teve por objetivo diagnosticar o conhecimento que os alunos possuíam a respeito do tema, a fim de que o planejamento das aulas a serem desenvolvidas fossem adequadas as necessidades dos estudantes. O questionário se constituiu por nove questões abertas, das quais sete possuíam respostas dicotômicas (sim ou não) além da justificativa, e versavam sobre o contato que esses estudantes tiveram com os conhecimentos indígenas, sobretudo com as suas práticas corporais, no âmbito escolar, a percepção que detinham a respeito das concepções ameríndias sobre o corpo e a sua presença nas aulas de Educação Física.

Na segunda etapa, ocorreu o desenvolvimento das aulas. Essa intervenção perdurou o período entre os meses de abril e outubro de 2019. Os conteúdos estudados foram a noção de corpo presente na sociedade ocidental moderna e nas sociedades ameríndias, as características atuais dos povos indígenas no Brasil, as suas práticas corporais sistematizada por meio dos jogos, esportes, lutas, danças e rituais, e os conflitos presentes nas relações interculturais. Como recursos metodológicos, utilizamos aulas expositivas e práticas, além de aulas de campo. E como forma de avaliação a elaboração de seminários e artigos.

Na terceira etapa, foi aplicado o questionário final. A sua aplicação aconteceu no mês de novembro de 2019 e teve por objetivo verificar os resultados alcançados pela intervenção. O questionário era composto por sete questões abertas, das quais cinco possuíam respostas dicotômicas (sim ou não) além da justificativa, e diziam respeito à percepção que detinham a respeito das concepções ameríndias sobre o corpo e a sua presença nas aulas de Educação Física, assim como as contribuições que o projeto proporcionou aos seus conhecimentos sobre o corpo, a sua formação acadêmica e pessoal e na relação com as culturas indígenas.

Na etapa final, foi feita a análise dos dados. As respostas foram agrupadas de acordo com a sua proximidade em relação ao conteúdo. Para a apresentação dos dados, a sua organização é feita por meio de quadros que contém o tema da pergunta, o conjunto de respostas por aproximação, o Valor absoluto (V.a.) e a porcentagem (%) de cada um dos conjuntos. A sua disposição se constitui em três tópicos, quais sejam, o estudo das corporalidades indígenas nas aulas de Educação Física, as diferenças entre o entendimento sobre o corpo das sociedades indígenas e as não indígenas, e as contribuições do projeto

As contribuições do estudo das corporalidades indígenas para estudantes de escolas não indígenas

aos conhecimentos dos estudantes. Em seguida, apresentamos uma apreciação comparativa entre as respostas do questionário inicial e as do questionário final, bem como o diálogo com a literatura científica.

Análise dos resultados

Como vimos no decorrer desse artigo, o corpo, e conseqüentemente as práticas realizadas nele e por meio dele, podem assumir sentidos e significados diferentes de acordo com o contexto em que for realizada e também de acordo com quem participa. Caso desejemos ampliar o conhecimento a respeito dessa temática, é necessário ir além do nosso contexto sociocultural e se relacionar com diferentes grupos sociais.

Assim, apresentamos os resultados da intervenção realizada junto aos estudantes com o intuito de descrever as contribuições que os conhecimentos das corporalidades indígenas podem propiciar aos estudantes de uma escola não indígena. Como mencionado anteriormente, a fim de facilitar a compreensão, os resultados serão apresentados em três tópicos, que serão exibidos a seguir.

O estudo das corporalidades indígenas nas aulas de educação física

Nesse primeiro tópico, a observação diz respeito às modificações no entendimento dos estudantes sobre o estudo das corporalidades indígenas na disciplina de Educação Física. Para tanto, as questões tiveram por objetivo verificar se eles concordavam com a inserção desse conjunto de conhecimentos e quais deveriam estar presentes. No quadro 1 e no quadro 3, encontram-se as respostas do questionário inicial e no quadro 2 e no quadro 4 do questionário final.

Quadro 1 – A presença dos conhecimentos indígenas na disciplina de Educação Física

Conjunto de respostas		V.a.	%
Sim	Para conhecer novas práticas esportivas	8	22,8
	A fim de conhecermos as suas práticas corporais	6	17,1
	Com o propósito de conhecermos as suas culturas	6	17,1
	Há atividades interessantes	5	14,3
	Pois eles realizam atividades físicas	4	11,4
	Tem as danças	1	14,3
	Pode estar em todas as disciplinas escolares	1	2,9
	Tem os jogos	1	2,9
Não	Pois não é objeto de estudo da disciplina	3	8,6

Fonte: Questionário aplicado pelos autores

Quadro 2 – A presença dos conhecimentos indígenas na disciplina de Educação Física

Conjunto de respostas		V.a.	%
Sim	Porque possibilita o acesso ao conhecimento de outras culturas	12	34,3
	Traz novos conhecimentos	7	20
	Por se tratar de conhecimentos sobre o corpo, que é o objeto de estudo da Educação Física	6	17,1
	Pois são atividades esportivas	5	14,3
	Porque ajuda na diminuição do preconceito aos povos indígenas	4	11,4
Não	Pois não desperta o interesse dos alunos	1	2,9

Fonte: Questionário aplicado pelos autores

Podemos observar que a quantidade de estudantes contrários a presença desses conhecimentos diminuiu, assim como aqueles que os vinculavam apenas a prática esportiva. Por outro lado, houve um aumento considerável em relação à importância do acesso a outras culturas e da contribuição para a diminuição do preconceito.

A respeito da interação com outras culturas, cabe ressaltar que as representações dos corpos indígenas na escola sofrem a influência da cultura dominante, que historicamente distorceu e depreciou os saberes dessas culturas. Isso demonstra a dificuldade que a disciplina de Educação Física possui em se aproximar da questão étnico-racial, visto que durante o seu percurso histórico, ela sempre esteve vinculada aos interesses dominantes (MOREIRA; SILVA, 2016).

Por isso, concordamos com Grando e Pinho (2016) que apontam o estudo da cultura e da história dos povos indígenas na disciplina de Educação Física como a instituição de um espaço de resistência e conflito contra os conhecimentos oriundos do pensamento dominante, no qual há uma gama de saberes padronizados que desconsideram a pluralidade e a relevância cultural existente. A Educação Física deve atuar, então, na esfera escolar, visando a valorização dos sentidos e significados dos diferentes grupos humanos nos diferentes contextos históricos e sociais.

Quadro 3 – Práticas corporais indígenas conhecidas

Conjunto de respostas	V.a.	%
Não conhecem	24	68,6
Pinturas corporais	2	5,7
A prática do arco e flecha	2	5,7
Rituais	2	5,7
Dança	2	5,7
A prática da caça	2	5,7
Corrida com tora	1	2,9

Fonte: Questionário aplicado pelos autores

Quadro 4 – Os conhecimentos indígenas que podem estar presentes nas aulas de Educação Física

Conjunto de respostas	V.a.	%
Apenas os esportes	6	17,1
Os jogos e os esportes	5	14,3
Os jogos e as danças	5	14,3
Os esportes, os rituais, as danças e as pinturas	5	14,3

As contribuições do estudo das corporalidades indígenas para estudantes de escolas não indígenas

As suas práticas corporais sistematizadas	5	14,3
O seu entendimento sobre o corpo	4	11,4
Apenas as danças	3	8,6
Apenas os jogos	2	5,7

Fonte: Questionário aplicado pelos autores

Devido a quantidade de aulas vivenciadas, era evidente que o desconhecimento a respeito das práticas corporais indígenas iria acabar. Embora durante a intervenção tenha sido mencionada diversas manifestações corporais dos povos indígenas e nas respostas seja possível notar algumas delas, o esporte ainda se apresenta como um tema hegemônico na percepção dos alunos, o que já foi possível observar nas respostas da questão anterior.

O esporte que é uma das principais manifestações sociais do séc. XXI, além de ser soberano nas aulas de Educação Física escolar (BRACHT, 2000; DARIDO, 2003; PAES, 1996). Esse predomínio do conteúdo esportivo, iniciado após a Segunda Guerra Mundial (SOARES et al., 1992), faz com que ele seja o principal (ou único) tema das aulas durante toda a formação escolar para muitos estudantes que, inclusive, o entendem como sinônimo de Educação Física. Isso posto, fica mais clara a tendência das respostas dos estudantes. No âmbito da influência esportiva na sociedade, vale ressaltar como os povos indígenas também estão sendo impactados. Desde o surgimento dos Jogos dos Povos Indígenas em 1996, um evento esportivo periódico que reúne diversas etnias espalhadas pelo Brasil visando a sua aproximação e conagração, a assimilação de elementos do esporte por parte dos participantes, como a competitividade e o rendimento, acentua-se cada vez mais (ALMEIDA; SUASSUNA, 2010; ALMEIDA; SUASSUNA; GRANDO, 2010). Práticas corporais tradicionais das etnias estão sendo padronizadas, para que se adequem ao espetáculo. Ainda não se sabe ao certo quais consequências isso trará as técnicas corporais de cada povo e, conseqüentemente, as suas danças, aos seus jogos, aos seus rituais, dentre outras manifestações corporais (ALMEIDA; SUASSUNA, 2010; ALMEIDA; SUASSUNA; GRANDO, 2010; GRANDO; HASSE, 2001).

Diferenças no entendimento sobre o corpo

Nesse segundo tópico, a análise se refere às mudanças relacionadas as diferenças de entendimento sobre o corpo entre os povos indígenas e os não indígenas. A fim de verificar a sua percepção, os estudantes foram questionados acerca de quais são as diferenças entre

a noção de corpo dos indígenas e dos não indígenas. No quadro 5, encontram-se as respostas do questionário inicial e no quadro 6 do questionário final.

Quadro 5 – Diferenças entre o entendimento sobre o corpo dos povos indígenas e dos povos não-indígenas

Conjunto de respostas	V.a.	%
Há diferenças em razão de cada povo ter as suas peculiaridades culturais	17	48,6
Não sabem	11	31,4
Os povos não indígenas possuem um conhecimento mais avançado sobre o corpo, em virtude do desenvolvimento científico.	4	11,4
Os povos indígenas possuem uma relação mais profunda com corpo	3	8,6

Fonte: Questionário aplicado pelos autores

Quadro 6 – Diferenças entre o entendimento sobre o corpo dos povos indígenas e dos povos não-indígenas

Conjunto de respostas	V.a.	%
Para os povos indígenas, o corpo é um instrumento repleto de sentidos e significados dentro de suas culturas, enquanto os povos não indígenas o relacionam a questões vinculadas a aparência.	18	51,4
Não sabem	8	22,9
O corpo, para os povos indígenas, é visto como um elemento integrado ao ambiente. Já para os não indígenas, é visto de forma isolada.	5	14,3
Os povos indígenas possuem uma visão mais mística do corpo, se comparada aos não indígenas.	4	11,4

Fonte: Questionário aplicado pelos autores

Após o período de intervenção, o desconhecimento a respeito do tema diminuiu e a capacidade dos estudantes em caracterizar o seu entendimento, tornou-se mais perceptível. Nesse sentido, as respostas vão ao encontro do conceito de corpo vinculado às sociedades tradicionais, das quais fazem parte os povos indígenas, em que o corpo é visto de forma interligada à natureza e aos aspectos cosmológicos, de modo que desempenham papel relevante na organização social desses povos, e também da noção de corpo da sociedade ocidental moderna, em que ele se constitui como um acessório, conjunto de estruturas orgânicas, dissociado da pessoa e, conseqüentemente, do todo que o circunda (LE BRETON, 2011).

Por outro lado, o desconhecimento apresentado por uma grande quantidade de estudantes, mesmo após a intervenção, acerca das diferenças entre as perspectivas de corpo apresentadas pelas sociedades indígenas e não indígena indica uma lacuna importante a ser preenchida pela Educação Física. Sendo o corpo o objeto de estudo da disciplina, a sua percepção nos distintos contextos socioculturais, assim como a sua construção histórica, deve ser abordada junto aos estudantes para que eles percebam as

As contribuições do estudo das corporalidades indígenas para estudantes de escolas não indígenas

nuances nos entendimentos entre as sociedades e como isso impacta a nossa vida, seja por meio da relação com a atividade física, com a saúde, com as mídias, dentre outros.

Contribuições do projeto aos conhecimentos dos estudantes

No terceiro e último tópico, a investigação refere-se às contribuições elencadas pelos estudantes em razão de sua participação no projeto. As questões versaram sobre as contribuições provenientes do estudo das corporalidades indígenas, em sua formação acadêmica e pessoal, nos seus conhecimentos sobre o corpo e na sua visão em relação aos povos indígenas. No quadro 7, encontram-se as respostas presentes no questionário inicial e nos quadros 8, 9 e 10, as presentes no questionário final.

Quadro 7 – Contribuições provenientes do estudo das corporalidades indígenas

Conjunto de respostas	V.a.	%
Não sabem	15	42,7
Novos conhecimentos	8	22,9
Conhecimentos a respeito de suas culturas	7	20
Como obter um condicionamento físico melhor	3	8,6
Diminuir o preconceito a respeito dos povos indígenas	1	2,9
Estabelecer uma relação de respeito e valorização com o corpo	1	2,9

Fonte: Questionário aplicado pelos autores

Ao considerar que o contato com os conhecimentos das culturas indígenas, em especial as suas corporalidades, foi bem restrito na sua vida escolar, era esperado que a maior parte dos estudantes não soubesse ou tivesse dificuldade em apontar as contribuições que o estudo desse tema pode promover. Contudo, podemos notar a menção ao contato intercultural e a diminuição do preconceito aos povos indígenas, que terão aumento substancial nos quadros a seguir, sobretudo o último aspecto.

Quadro 8 – Contribuições a formação acadêmica e pessoal

Conjunto de respostas	V.a.	%
Construção de novos conhecimentos	11	31,4
Valorização das culturas indígenas	10	28,55
Diminuição do preconceito em relação aos povos indígenas	10	28,55
Auxílio na resolução de questões do ENEM	3	8,6
Não sabe	1	2,9

Fonte: Questionário aplicado pelos autores

Quadro 9 – Contribuições acerca dos conhecimentos sobre o corpo

Conjunto de respostas		V.a.	%
Sim	Pois aprendi novas práticas corporais	14	40
	Porque compreendi o corpo sob uma perspectiva cultural	8	22,9
	Mas não sei explicar	3	8,6
	Não sabem responder	6	17,1

Não	Pois me interessei por outros aspectos das culturas indígenas que não fossem relacionadas ao corpo	4	11,4
-----	--	---	------

Fonte: Questionário aplicado pelos autores

Assim, é possível afirmar que em relação às contribuições acadêmicas e pessoais, a diminuição do preconceito em relação aos povos indígenas é uma das menções que se destaca. Isso indica a relevância do trabalho com essa temática no ambiente escolar. Assim como em outros trabalhos (DOMINGOS JUNIOR et al., 2017; KEMPE, 2015; TENORIO; SILVA, 2014), também identificamos o pouco contato que os estudantes possuíam com os conhecimentos indígenas. Esse desconhecimento em relação ao outro, poderá resultar em condutas discriminatórias e, quem sabe, até em atos de violência. O trato com as culturas indígenas, então, é essencial, para o respeito e a valorização da diversidade cultural, que são pressupostos indispensáveis em uma sociedade plural como a nossa.

No que concerne aos conhecimentos sobre o corpo, vale ressaltar a compreensão do corpo sobre uma perspectiva cultural, pois como enfatiza Daolio (2013), perceber o corpo sob esse prisma, possibilita-nos não tratá-lo como uma estrutura idêntica, padronizando-o. É um passo essencial para o desenvolvimento de relações que respeitem e valorizem a pluralidade cultural, inclusive de corpos, presente em nossa sociedade.

Quadro 10 – Modificações no entendimento a respeito dos povos indígenas

Conjunto de respostas		V.a.	%
Sim	Em relação aos aspectos gerais de suas culturas, tais como o modo de viver, o seu comportamento e a utilização de suas terras.	20	57,1
	A serem beneficiados financeiramente pelo governo	6	17,1
	Que não são povos primitivos	3	8,6
	No que diz respeito às suas práticas corporais	1	2,9
Não	Não houve modificações	5	14,3

Fonte: Questionário aplicado pelos autores

A última questão buscou identificar o impacto que a intervenção teve sobre a percepção a respeito dos povos indígenas. Pelas respostas, podemos notar que a maior parte dos estudantes apresentou alguma mudança em seu entendimento, que abrangem, principalmente, o modo de vida dos indígenas. Nesse sentido e dialogando com Fleuri (2017) e Markus (2018), acreditamos que a interação com a visão de mundo dos ameríndios calcada no *bem-viver*, é benéfica à formação dos alunos. O *bem-viver* é uma filosofia de vida comum aos povos ameríndios que "... nos leva a compreender que a relação entre todos os seres do planeta tem que ser encarada como uma relação social, entre sujeitos, em que a cultura e natureza se fundem em humanidade" (FLEURI, 2017, p. 285). Assim, por meio do contato

As contribuições do estudo das corporalidades indígenas para estudantes de escolas não indígenas

intercultural com os povos indígenas, oportuniza-se não apenas o desenvolvimento do respeito, mas também a construção de uma relação sustentável com a sociedade em geral e a natureza.

Considerações finais

Este artigo teve por finalidade analisar as contribuições que o estudo das corporalidades indígenas nas aulas de Educação Física podem proporcionar a estudantes do Ensino Médio de uma escola não indígena. O posicionamento dos estudantes evidencia o impacto positivo gerado pela intervenção, em que a maior parte dos participantes demonstrou ter mais conhecimento a respeito das culturas indígenas, em especial as suas corporalidades, assim como a necessidade de respeitá-las e valorizá-las. Além disso, reconheceram as contribuições que esse período de estudo trouxe para a sua vida pessoal e acadêmica.

Os resultados da pesquisa ressaltam a importância da escola na difusão de saberes tradicionais, que são oriundos de determinados grupos sociais, como os povos indígenas, e que, muitas vezes, são excluídos dos ambientes de ensino formal, o que contribui para a perpetuação de condutas desrespeitosas e discriminatórias contra esses grupos sociais. Nesse contexto, a Educação Física pode colaborar de forma significativa, visto que a disciplina é responsável pelo estudo do corpo e suas práticas, e que no caso dos povos indígenas, possuem papel central na sua organização.

Contudo, a disciplina, historicamente, manteve-se distante das questões étnico-raciais, sobretudo por estar atrelada a interesses hegemônicos de uma pequena parcela da população, os quais podem ser observados por meio dos fins eugenistas, higienistas e tecnicistas que ela apresentava no espaço escolar. Desse modo, os conteúdos predominantes foram (e ainda são em muitos lugares) durante muito tempo os de origem europeia e/ ou norte-americana, negligenciando, inclusive, a contribuição de culturas cujos povos fazem parte da formação identitária do Brasil, como os indígenas.

Esse panorama não se restringe a escola, visto que os professores reproduzem, muitas vezes, aquilo que tiveram acesso durante a sua formação profissional. Ou seja, os cursos de graduação em Educação Física colaboram para a constituição desse quadro a partir do momento em que privilegiam alguns temas, como os esportes europeus e norte-americanos, em detrimento das práticas corporais de povos tradicionais, como os indígenas,

quilombolas, dentre outros. Na verdade, sem a oferta de subsídios que o possibilite construir um trabalho pedagógico capaz de estabelecer o diálogo entre as diferentes culturas, as instituições de ensino superior limitam a atuação do futuro professor.

Nesse sentido, a efetividade de um processo de ensino e aprendizagem que tenha como tema as culturas indígenas está relacionado com o seu vínculo aos princípios interculturais. A partir de uma educação intercultural é possível promover a interação com os conhecimentos oriundos das sociedades indígenas de modo que não sejam apenas tolerados, mas valorizados e tendo a sua importância na construção da nossa sociedade reconhecida.

A criação de instrumentos legais, como as Leis 10.639/03 e 11.645/08, são fundamentais para que os conhecimentos de grupos sociais minoritários, como os povos indígenas, estejam presentes no ambiente escolar. A respeito dessas Leis, embora haja limitações na implantação dos aspectos mencionados no texto, podemos notar avanços, principalmente no surgimento, cada vez maior, de propostas sistematizadas a respeito das temáticas e por trazer à tona a necessidade de se discutir as questões étnico-raciais para além das datas comemorativas.

Queremos reforçar, também, a necessidade de que os conhecimentos dos povos indígenas, sem tanto prestígio nos currículos, tenham ações sistematizadas para a sua inserção no ambiente escolar. Encontramo-nos em um momento político-social no Brasil, em que os grupos sociais minoritários são atacados frequentemente, acarretando em um retrocesso em relação aos avanços conquistados nas relações interculturais. Especificamente sobre os povos indígenas e concordando com o antropólogo Viveiros de Castro (2019) estamos vivenciando uma forte ofensiva contra esses povos.

Assim, todos nós atuantes nos sistemas educativos, coparticipantes da formação dos sujeitos que irão exercer os papéis sociais futuramente, detemos responsabilidade em concebermos um processo formativo que reconheça e valorize a diversidade cultural existente em nosso país, para que as relações estabelecidas entre sujeitos oriundos de culturas diferentes se constituam em uma oportunidade de crescimento mútuo.

Referências

ALMEIDA, Arthur; SUASSUNA, Dulce. Esporte e cultura: análise acerca da esportivização de práticas corporais nos jogos indígenas. **Pensar a Prática (UFG. Impresso)**, v. 13, p. 1-18, 2010.

As contribuições do estudo das corporalidades indígenas para estudantes de escolas não indígenas

ALMEIDA, Arthur; SUASSUNA, Dulce; GRANDO, Beleni Saléte. As práticas corporais e a educação do corpo indígena: a contribuição do esporte nos jogos dos povos indígenas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 32, p. 59-74, 2010.

BRACHT, Valter. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento (Porto Alegre) JCR**, Porto Alegre, v. 06, n.12, p. XIV-XXIV, 2000.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de Pesquisa**, v. 161, p. 802-820, 2016.

_____ ; RUSSO, Kelly. Interculturalidade e Educação: na América Latina: uma construção plural, original e complexa. **Revista Diálogo Educacional (PUCPR)**, v. 10, p. 171-189, 2010.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. 2. ed. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2008. 144p.

DAOLIO, Jocimar. **Da Cultura do Corpo**. Papirus: Campinas, 2013. 17ª ed.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DOMINGOS JUNIOR, Moaldecir Freire; SILVA, Gustavo Henrique; SALES, Josilane dos Santos; CARLOS, Camila Ursula Batista; SILVA, Luís Arthur Nunes. Corpo, cultura de movimento e Jogos Indígenas nas aulas de Educação Física. **CADERNOS DE FORMAÇÃO RBCE**, v. 8, p. 21-32, 2017.

FLEURI, Reinaldo Matias. Desafios à educação intercultural no Brasil. **Educação, Sociedade & Culturas**, Portugal, v. 16, n.16, p. 45-62, 2001.

_____. **Educação intercultural: desafio polissêmico**. In: Frank Antonio Mezzomo, Cristina Satiê Pátaro, Fábio André Hahn. (Org.). Educação, identidades e patrimônio. oed.Assis: FECILCAM/Triunfal Grafica e Editora, 2012, v. , p. 15-33.

_____. Aprender com os povos indígenas. **Revista de Educação Pública**, v. 26, p. 277-294, 2017.

GRANDO, Beleni Saléte. **Corpo e educação: as relações interculturais nas práticas corporais Bororo em Meruri-MT**. Florianópolis: Tese (Doutorado em Educação), UFSC, 2004.

_____ ; HASSE, Manuela. **Índio Brasileiro, Integração e Preservação**. In: Reinaldo Matias Fleuri. (Org.). Intercultura: Estudos Emergentes. 1ed.Ijuú-RS: Unijuí, 2002, v. 1, p. 101-116.

_____ ; PINHO, Vilma Aparecida. **As questões étnico-raciais e a educação física: bases conceituais e epistemológicas para o reconhecimento das práticas corporais afro-brasileiras e indígenas**. In: Luciano Nascimento CORSINO & Willian Lazaretti. (Org.). Educação física escolar e relações étnico-raciais: subsídios para a implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08. 1ed.Curitiba: Editora CRV, 2016, v. 11, p. 25-44.

KEMPE, Gédson Cardoso. **Práticas corporais indígenas inseridas à educação física escolar não indígena**. 159f. Dissertação (Mestrado em Reabilitação e Inclusão). Centro Universitário Metodista – IPA, Porto Alegre, 2015.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Tradução de Fábio dos Santos Creder. Petrópolis: Vozes, 2011, 405 p.

MALUF, Sônia Weidner. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas ISSN 1414-722X. **Esboços (UFSC)**, PPGHistória/UFSC Florianópolis, v. 9, p. 87-101, 2002.

MARKUS, Cledes. **As contribuições da Concepção Indígena do Bem Viver para a Educação Intercultural e Descolonial**. 2018. 184 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MAUSS, Marcel. **“As Técnicas Corporais”**. In: Marcel Mauss, Sociologia e Antropologia, vol. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MOREIRA, Anália de Jesus; SILVA, Maria Cecília de Paula. **A Lei nº 10.639/2003 e o ensino da educação física: confrontos históricos**. In: Luciano Nascimento Corsino; William Lazaretti da Conceição. (Org.). Educação física escolar e relações étnico-raciais: subsídios para implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08. 01ed. Curitiba: CRV, 2016, v. 11, p. 45-58.

OLIVEIRA, Rogério Cruz; DAOLIO, Jocimar. Educação intercultural e educação física escolar: possibilidades de encontro. **Pensar a Prática (Online)**, v. 14, p. 1-11, 2011.

PAES, Roberto Rodrigues. **Educação Física Escolar: o esporte como conteúdo pedagógico no ensino fundamental**. (Tese de Doutorado). Campinas: UNICAMP, 1996.

SOARES, Carmem Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; VARJAL, Maria Elizabeth Medicis Pinto; CASTELLANI FILHO, Lino; ESCOBAR, Micheli Ortega; BRACHT, Valter. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TENORIO, Jederson Garbin; LOPES DA SILVA, Cintia. As práticas corporais indígenas como conteúdo da educação física escolar. **Teoria e Prática da Educação**, v. 17, p. 81-91, 2014.

TRIVIÑOS, Antônio. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, Rosângela Steffen. **Educação Intercultural: uma opção de ação no mundo multicultural**. In: FLEURI, Reinaldo Matias. (Org.). Intercultura: estudos emergentes. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2002, v. , p. 117-128.

VIVEIROS DE CASTRO: “Estamos assistindo uma ofensiva final contra os povos indígenas”. **El País Brasil**, 12 de out. de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/11/politica/1570796332_223092.html. Acesso em: 20 de jan. de 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; SEEGER, Antony; DA MATTA, Roberto. **A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras**. 1979. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

As contribuições do estudo das corporalidades indígenas para estudantes de escolas não indígenas

WALSH, Catherine. **Interculturalidade, Crítica e Pedagogia Decolonial**: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, V. M. (Org.) Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

Nota

ⁱ Utilizaremos esse termo para se referir aos conhecimentos e as formas de intervir sobre o corpo praticadas pelas etnias ameríndias.

Sobre os autores

Fabício Gurkewicz Ferreira

Doutorando em Educação Física pela UNB. Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo IFRO, *campus* Calama. Professor de Educação Física do IFRO, *campus* Ji-Paraná. Pesquisador do GETEA (IFRO, *campus* Ji-Paraná) e NECON (UNB).

Email: fabricao.gurkewicz@ifro.edu.br Orcid: 0000-0001-8834-0808

Lediane Fani Felzke

Doutora em Antropologia Social pela UNB. Professora do mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do IFRO, *campus* Calama. Líder do grupo de pesquisa GETEA (IFRO, *campus* Ji-Paraná).

Email: lediane.fani@ifro.edu.br Orcid: 0000-0002-5367-1209

Recebido em: 30/01/2021

Aceito para publicação em: 01/03/2021